

A DESTRUIÇÃO DO ESPÍRITO CRÍTICO: UMA EXPRESSÃO DO UR-FASCISMO NA ATUALIDADE

JOSÉ LUIZ BALESTRINI JUNIOR¹
MALENA SEGURA CONTRERA²

RESUMO

O artigo propõe uma reflexão sobre a relação entre as práticas contemporâneas de informação, o rebaixamento cognitivo e o ur-fascismo, ou fascismo eterno. Esse sendo uma potencialidade que habita a psique humana podendo irromper na consciência em determinados momentos, dependendo de as circunstâncias serem propícias ou não para tal acontecimento. Partimos de uma reflexão realizada a partir de dados obtidos pela ferramenta *Google Trends* que ajudam a compreender o comportamento de interesse e busca da população pelo termo "fascismo" entre os anos de 2010 e a data presente. Os resultados obtidos indicam relação direta entre o interesse pelo tema e a imagem do Presidente do Brasil (2019-2022), Jair Messias Bolsonaro. Suas manifestações de cunho misógino, racista, xenofóbico, ultranacionalista, entre outros, corroboram esse fato. Com esses dados, procuramos aprofundar a discussão acerca da destruição do espírito crítico por meio de práticas de censura e de propaganda ideológica comuns aos regimes totalitários. Para a discussão trouxemos autores da Teoria da Mídia, da Sociologia e da Psicologia Profunda. Em conclusão, podemos dizer que a divulgação de notícias manipuladas e falsas, assim como a descredibilização da imprensa pelo governo citado com o objetivo claro de instaurar um sistema hegemônico de pensamento, são comportamentos que aproximam o presidente e seus apoiadores de valores fascistas.

Palavras-chave: Fascismo; Propaganda. Imagem. Censura.

Introdução

Talvez um dos conceitos políticos mais difíceis de se definir, não somente na contemporaneidade, mas também ao longo da história, seja o de fascismo. Ao longo do tempo, o uso da expressão tomou grandes proporções, sendo utilizada de tantas maneiras diferentes e em contextos completamente diversos, que surgem também muitas complicações com relação a como compreendermos seu significado. De acordo com Umberto Eco (2018), isso acontece porque o fascismo em si é um aglomerado confuso de ideias escolhidas de maneiras oportunistas e providenciais que servem para a constituição de um regime totalitário e a posterior manutenção do poder estabelecido. De qualquer maneira, o aumento repentino das discussões acerca desse assunto, ao mesmo tempo em que causa confusões, não só na mente da população em geral, mas como também entre os próprios teóricos, revela, entre outras coisas, algo de extrema

- 1 Mestre e Doutorando em Comunicação pela UNIP - Universidade Paulista. Graduado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (2002). Pós-graduação Lato Sensu em Psicologia Junguiana (2018) e Psicossomática (2022) pelo Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa. Autor do livro *Tudo Verdade* publicado pela Eleva Editora (2021). Bolsista CAPES. E-mail: balestrini@lungfu.com.br.
- 2 Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Professora titular dos cursos de mestrado e doutorado em Comunicação da Universidade Paulista. Autora dos livros: *O mito na mídia* (1996), *Mídia e Pânico* (2002), *Jornalismo e Realidade* (2004), *Mediosfera* (2010). Líder do Grupo de Pesquisa em Mídia e Estudos do Imaginário, da UNIP (desde 2005). É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: malenacontrera@uol.com.br.

importância para os estudos da comunicação: o quanto muitos valores e ideias conectadas ao fascismo ainda são presentes no pensamento popular e como eles podem ser expressos pela mídia; algumas vezes, de maneira velada, outras, de maneira inconsciente e, de modo perigoso, parece que cada vez mais de maneira declarada na atualidade. Isso é facilmente atestado com uma simples pesquisa do termo *fascismo* no site *Google* na categoria “notícias” que, com alta probabilidade, mostrará uma quantidade enorme de resultados. Entre eles podemos encontrar informações e acontecimentos que datam de tempos passados até os dias atuais, mostrando ser um tema que atravessa as décadas e se mantém vivo.

Independentemente das diferentes visões e definições que podemos encontrar do fascismo, todas elas apontam para algumas características comuns e, entre elas, uma interessa, especialmente, para a reflexão proposta no presente artigo: a negação categórica do espírito crítico e da capacidade reflexiva dos indivíduos. Essa ditadura dos pensamentos e das ideias pode ser imposta das mais diferentes maneiras, uma delas, como sabemos, é o controle hegemônico dos meios de comunicação, como foi comum entre os regimes fascistas que se estabeleceram durante a história (PEREIRA, 2003). A massificação reforçada pelos meios de comunicação foi de extrema importância para o estabelecimento e manutenção desses regimes que só puderam acontecer porque uma parcela da população deixou-se cegar por valores extremistas em busca de promessas vãs de líderes populistas que souberam utilizar a veiculação da propaganda a seu favor. Fica claro então que o fenômeno da negação da liberdade de expressão precisa de respaldo de alguma parcela da população que o valida por meio de mecanismos de projeção de fatores psíquicos que encontram ressonância na própria liderança fascista (JUNG, 1988). O psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1988) oferece uma análise profunda desse fenômeno em sua obra utilizando como exemplo a irrupção do nazismo na Alemanha. O autor mostra que o que ocorreu tinha direta conexão com valores que existiam latentes na psique da população daquela nação e que o comportamento totalitário pôde encontrar lugar e se manifestar na consciência porque um líder incorporou esses valores.

Nos dias atuais a situação se complica muito quando personagens públicos, assim como seus representantes, divulgam de maneira aberta discursos e mensagens que podemos classificar como fascistas porque trazem valores como: racismo, misoginia, xenofobia, militarismo, ultranacionalismo, dentre muitos outros. Exatamente pelo compartilhamento desse tipo de conteúdo é que alguns autores consideram de maneira clara o governo brasileiro atual (2019 a 2022) como portador de características fascistas (MELO, 2019). O mais espantoso, concordando com o que explicou C. G. Jung em suas análises da psicologia das massas (JUNG, 2018), é que esse tipo de discurso encontrou – e ainda encontra – identificação entre uma parcela razoavelmente grande da população que, além de compartilhar, também cria, de maneira indiscriminada, impensada e irresponsável, publicações desse teor que, normalmente, são baseadas em mentiras ou na manipulação de informações (ROITBERG; BERGO; DE SOUZA; GOMES, 2021).

Levando esse cenário em consideração, o presente artigo propõe uma reflexão acerca do momento atual da realidade brasileira quando a imprensa livre sofre com ataques de censura e descredibilização geral como resultado, entre outros fatores, da manipulação de informações divulgadas de maneira sistemática na internet e em redes sociais que refletem a projeção de conteúdos e comportamentos fascistas, antes latentes e velados, mas que encontram expressão, reverberação e validação cada vez maiores entre aqueles que exercem o poder político no país e uma parcela da população que se vê representada nessas figuras de liderança.

Jair Bolsonaro, fascismo e censura

Pesquisando dados sobre buscas relacionadas ao termo “fascismo” utilizando a ferramenta *Google Trends*, encontramos dados interessantes sobre o fenômeno comportamental conectado ao assunto. Isolamos a busca com parâmetros específicos para buscas feitas no Brasil, com o termo dentro das categorias: a) ideologia política; b) lei e governo e c) pesquisa na *Web*. Definimos a busca no período entre 01/01/2010 e 06/09/2022; escolhemos esse período buscando abranger as últimas quatro eleições para presidente, somando o fato de que os dados a partir do ano de 2010 sobre buscas utilizando o *Google* no Brasil apresentam curvas mais regulares e com poucas anomalias se comparadas com aquelas dos anos anteriores. Isso permite que compreendamos melhor quando um comportamento de busca por um assunto específico irrompe com destaque em relação à sua curva normal. O uso dos dados obtidos com o *Google Trends* como ferramenta metodológica permite que façamos associações estatísticas entre os assuntos pesquisados e o surgimento de fenômenos e comportamentos concretos da população. A acuidade do método foi comprovada por Seifter *et al.* (2010) que mostrou a ocorrência de um surto da Doença de Lyme e a possibilidade de predição desse acontecimento com as buscas feitas no *Google* que utilizavam termos relacionados aos sintomas dessa patologia. Contribuindo para estudos de economia, Choi (2012) mostra como utilizar a ferramenta para prognosticar indicadores econômicos que podem auxiliar a traçar estratégias de vendas e decisões relacionadas a investimentos financeiros. Na área de estudos da comunicação temos, por exemplo, o trabalho de (CONTRERA; TORRES, 2021), que mapeou aspectos do imaginário e a irrupção de comportamentos conectados com a pulsão de morte.

A partir desses dados decidimos utilizar, a partir de uma análise quantitativa, os dados do *Google Trends* como suporte para a investigação qualitativa de discursos e outros comportamentos do Presidente Jair Bolsonaro que podem estar diretamente conectados com ideias e ideais fascistas. O gráfico 1 mostra uma curva clara de variação regular ao longo dos anos com picos que ficam em torno da média normalizada para esses dados - apresentada pela própria ferramenta *Google Trends* - de 25 pontos. Esse número chega a 100 pontos em outubro de 2018 período que coincide com a eleição que elegeu Jair Bolsonaro como Presidente do Brasil. A partir desse dado, que se apresenta completamente fora da curva da normalidade do comportamento, somado a exemplos de discursos, postagens e outras ações apresentadas pelo próprio Jair Bolsonaro, que podem ser encontradas facilmente na internet, podemos dizer que sua imagem está conectada com valores fascistas.

O segundo pico do gráfico acontece em junho de 2020, mês em que um vídeo publicado pelo já eleito Presidente Jair Bolsonaro, no dia 31/05/2020, que continha frases atribuídas ao ditador fascista italiano Benito Mussolini, viralizou e causou indignação de parte da população e de representantes da imprensa. Pesquisando notícias daquele mês no *Google*, encontramos reportagens variadas contando sobre o ocorrido. Mais uma vez a imagem de Jair Bolsonaro é conectada ao fascismo por seus próprios atos.

Direcionando nossa atenção para a questão da censura, era de se esperar que um indivíduo que se coloca, quase sem disfarce ou mesmo com tentativas estapafúrdias de camuflagem, como um fascista, fizesse uso de ferramentas que atrapalham a divulgação de notícias que possam levar a população ao exercício do espírito crítico. São tantos exemplos que podemos encontrar desse tipo de comportamento no governo e sua equipe que não seria possível lis-

tá-los nesse artigo. De qualquer forma, para ilustrar nosso ponto principal, basta saber que, de maneira declarada, o Presidente Jair Bolsonaro afirma ser fã e admirador de Carlos Alberto Brilhante Ustra, militar que atuou diretamente durante a ditadura no país e que foi declarado como torturador pela justiça brasileira. Como hoje, pelo menos até o presente momento, ainda não foi possível estabelecer um regime totalitário no Brasil, a equipe do governo, assim como seus apoiadores, utiliza dos meios de comunicação de massa, principalmente das redes sociais e dos aplicativos de mensagens, para fazer a manutenção desses comportamentos patológicos que mantém a população num estado constante de paranoia coletiva. Nesse sentido, Leão Serva ensina como esse mecanismo funciona:

Na sociedade democrática não é possível retirar do receptor o poder de emissão, de produção de voz, por decreto, como em regimes autoritários. Então, esse processo é feito através de uma saturação dos canais de emissão – deixando ao consumidor, do outro lado, apenas o papel de receptor, ou, no máximo, de produtor de signos (SERVA, 2019, p. 81).

Encontramos assim, em frente às milhões de telas dos aparelhos celulares, indivíduos anestesiados por imagens produzidas tecnicamente, exatamente, com esse fim (BAITELLO JR, 2014), mas que, no caso específico do jogo político, conduzem à massificação pelo uso ideológico de conteúdos que encontram equivalências nas profundezas da psique humana (CONTRERA, 2010).

O uso estratégico da propaganda com objetivos totalitários

A primeira metade do século XX foi marcada pela utilização dos meios de comunicação de massas para o estabelecimento progressivo de regimes totalitários de caráter fascistas. A propaganda que atingiu a população tinha o objetivo maior de manipular e controlar a opinião pública (PEREIRA, 2003, p. 102). A primeira guerra mundial, mesmo que numa proporção menor do que aconteceu na segunda, teve como pano de fundo a união da população contra supostos inimigos invasores que ameaçavam as soberanias das nações. O revolucionário Vladimir Lênin, que em 1922 se tornaria o chefe de governo russo, acreditava que esse mote já era, na verdade, uma manipulação da opinião pública por meio da propaganda por parte de uma burguesia que estava mais interessada em encontrar novas maneiras de expandir o capitalismo, pelo surgimento daquilo que foi chamado por ele de imperialismo, do que de defender os interesses dos trabalhadores (GREGOR, 2021). Estudando os eventos que antecederam a segunda guerra mundial, podemos perceber, com os exemplos de Benito Mussolini e Adolf Hitler, como a propaganda teve papel fundamental na determinação do comportamento das massas (HERRENDOERFER; FEST, 1977).

O cenário social contemporâneo, atravessado pelas redes comunicativas e imerso na cultura digital, não pode, como sabemos, ser igualado ao da primeira metade do século XX, no qual estavam em ação apenas a mídia impressa, o rádio e a televisão. A revolução digital, no entanto, não apagou o processo que havia sido criado no contexto da cultura de massas e que, nas palavras de E. Morin (1994), poderia ser entendido como uma industrialização do espírito. Não se apaga em poucas décadas um processo de padronização estética e nivelamento das mentalidades que esteve em ação por quase 100 anos (CONTRERA, 2021). Outro ponto que

temos de considerar é o quanto os meios de comunicação de massa e a sociedade em rede intensificaram o fenômeno do contágio psíquico e, conseqüentemente, do contágio emocional (TORRES, 2021), por conta da vascularização social e da sincronização que promovem.

Esses apelos estéticos e emocionais são a matéria prima da ação publicitária. O poder de sedução da propaganda está na raiz de sua eficácia. Obviamente, essa estratégia não é utilizada somente para estratégias de dominação política, mas também para fazer a manutenção do comportamento compulsivo e viciado de produção e consumo do indivíduo contemporâneo (BAITELLO JR, 2019). A utilização ideológica desse mecanismo por aqueles que detêm algum controle, mesmo que não explícito, da produção e divulgação de informação, gerou uma máquina eficiente de formação de opinião pública que, por gerar em torno de estereótipos e chavões publicitários, ocasiona um entorpecimento das capacidades críticas. Esse processo, após décadas, redundaria no rebaixamento cognitivo geral da população e em uma severa crise das habilidades de empatia, fundamentais para o desenvolvimento das alteridades (CONTRERA, 2021). Assim, acontece o reforço de pensamentos políticos hegemônicos que negam e diminuem a capacidade crítica da população, aumentando a intolerância e a falta de diálogo aberto e colaborativo entre os diferentes. Isso se torna ainda mais forte e eficaz quando falamos de regimes totalitários, como explica Wagner Pereira:

Em qualquer regime, a propaganda é estratégica para o exercício do poder, mas adquire uma força muito maior naqueles em que o Estado, graças à censura ou monopólio dos meios de comunicação, exerce rigoroso controle sobre o conteúdo das mensagens, procurando bloquear toda atividade espontânea ou contrária à ideologia oficial (PEREIRA, 2003, p. 102).

Um dos problemas que se apresenta aqui reside na facilidade encontrada, hoje, na disseminação de mensagens de ódio e intolerância por meio das redes sociais (TEIXEIRA; MEDEIROS, 2020). O mesmo mecanismo democrático, que permite a livre expressão de ideias, acaba, de certa forma, protegendo e permitindo que pensamentos contrários à democracia sejam divulgados e perpetuados. Podemos encontrar nessas mensagens atuais algumas das mesmas características que as utilizadas pelos estados totalitários na produção da propaganda que procurava manter os indivíduos como parte integrante da massa³ autômata que formavam os movimentos fascistas ortodoxos, situação em que eram impedidos de exercer qualquer espécie de espírito crítico. Sobre o controle dos meios de comunicação desses regimes, Maria Helena Capelato diz:

Mas a propaganda política tinha características particulares: uso de insinuações indiretas, veladas e ameaçadoras; simplificação das ideias para atingir as massas incultas; apelo emocional; repetições; promessas de benefícios materiais ao povo (emprego, aumento de salários, barateamento dos gêneros de primeira necessidade); promessas de unificação e fortalecimento nacional (CAPELATO, 1999, p. 167).

Podemos perceber que as ideias utilizadas pela propaganda política têm objetivo claro de atingir o indivíduo onde a razão e racionalidade perdem sua atuação abrindo espaço para a ação das emoções. Esse mecanismo tem eficácia histórica comprovada, não só no âmbito político, mas também na produção de material publicitário em geral. O fenômeno da viralização

3 Apesar do final do século XX ter trazido o surgimento do que conhecemos como a sociedade das redes, quebrando o poder único das comunicações de massa, vemos que o processo de massificação perdura para muito além de sua produção tecnológica, considerando que hoje a internalização desses valores que regem a cultura de massas pode ser identificada, como apontamos em outro momento (CONTRERA, 2010).

de conteúdos digitais que podemos observar na contemporaneidade possui o mesmo tipo de funcionamento (CONTRERA; TORRES, 2020). Isso não é verdade somente para a produção de publicidade, as experiências emocionais são parte importante das manifestações festivas e ritualísticas que intensificam a experiência social (CAPELATO, 1999, p. 168). Esse tipo de produção possui grande capacidade de causar identificação da massa, e foi utilizado em grande escala por líderes de regimes totalitários como Adolf Hitler durante a construção e manutenção da sua figura de salvador, líder e direcionador do destino da nação alemã (HERRENDOERFER; FEST, 1977).

O momento de grande desigualdade e desequilíbrio econômico, social e cultural em que vivemos pode servir como uma espécie de caldeirão de água fervente onde ideias de cunho totalitário cozinham numa sopa confusa de ideologias. Políticos oportunistas e imorais fazem uso descarado dessa baderna mental em que se encontra a população dando vazão e direcionamento para as frustrações e esperanças de indivíduos que carregam em seu íntimo tendências fascistas latentes, culturalmente implantadas desde longa data. Fazem isso quando, pelo seu próprio comportamento, validam e permitem que isso seja externalizado e atuado de maneira concreta no mundo, por exemplo, em suas postagens em redes sociais. Muitas vezes, esses atos são convertidos em ataques de violência física que visam a censura daqueles que buscam divulgar as informações com intenção de criar movimento reflexivo entre a população. Os dados divulgados pelo site Repórteres Sem Fronteiras mostram que o Brasil fica no 110º lugar no ranking da liberdade de imprensa. O site ainda diz de maneira clara que:

As relações entre o governo e a imprensa se deterioraram significativamente desde a chegada ao poder do presidente Jair Bolsonaro, que ataca regularmente jornalistas e a mídia em seus discursos. A violência estrutural contra jornalistas, um cenário midiático marcado pela alta concentração privada e o peso da desinformação representam desafios significativos para o avanço da liberdade de imprensa no país (Repórteres Sem Fronteiras, 2022).

Infelizmente esse não parece ser um fenômeno que toma corpo apenas no Brasil. Podemos encontrar um número crescente de notícias que mostram que esses valores parecem reaparecer de maneira cada vez mais frequentemente em vários lugares do mundo. Luís Mario Sá Martino fala sobre esse fenômeno:

Essas questões parecem ter se tornado não apenas contemporâneas, mas também se ampliado em escala mundial, principalmente quando se leva em consideração que algumas das manifestações políticas contemporâneas, de setores tanto da sociedade quanto do campo político, afastam-se de noções consagradas, como democracia e liberdade, quando não há perspectiva de maior justiça e equidade social (MARTINO; MARQUES, 2021, p. 129).

Esse quadro nos permite afirmar que a preocupação de uma crescente expressão de pensamentos totalitários que ameaçam não só a liberdade de imprensa no Brasil, mas a democracia como um todo, é legítima, já que reflete algo que se mostra presente no resto do mundo e possui claros antecedentes históricos.

O fascismo eterno e as novas formas de censura

Umberto Eco (2018) define o ur-fascismo, ou fascismo eterno, como sendo uma potencialidade que habita a psique humana podendo irromper na consciência em determinados momentos, dependendo de as circunstâncias serem propícias ou não para tal acontecimento. Essa visão se alinha à teoria psicológica das massas de C. G. Jung (2018) que propôs que tudo no substrato dos movimentos sociais existe uma esfera imaginária que se mobiliza a partir do que ele denominou de inconsciente coletivo. Nessa dimensão da psique encontramos os arquétipos, que podemos definir, de maneira muito resumida, como padrões psíquicos arcaicos comuns a todos os seres humanos, formados pelas imagens arquetípicas (CONTRERA, 2015) e que serão atualizados por meio das vivências e das experiências individuais. A expressão daquilo que é arquetípico ganha, portanto, diferentes camadas pessoais e culturais, mas mantém em seu núcleo algo comum à toda humanidade que está sempre relacionado ao *arcké*. A partir dessas noções, podemos aproximar as ideias de Umberto Eco e C. G. Jung e falar sobre um núcleo arquetípico do fascismo que pode se manifestar das mais diferentes maneiras. É preciso que esteja claro que, como potência latente, o arquétipo se manifestará sempre a partir de condições sociais e históricas que o favoreçam, muitas vezes geradas pela negação de aspectos da realidade. Luís Martino e Ângela Marques nos ajudam a compreender isso quando dizem que “o discurso autoritário funciona porque encontra ressonância nas tendências autoritárias que *existem em estado latente* na pessoa.” (MARTINO; MARQUES, 2021, p. 132). Quando esse estado latente não está claramente consciente para o indivíduo, o diálogo e a argumentação racional, bem como a demonstração de fatos e evidências, tornam-se uma tarefa praticamente inútil.

Poderíamos fazer uma lista de características, ideias e atitudes pelas quais poderíamos identificar tendências fascistas, porém, Umberto Eco mostra que o termo pode adaptar-se facilmente a tudo porque é possível eliminar um ou mais aspectos do regime e, mesmo assim, ele continuará sendo reconhecido como fascista, pois basta uma dessas características extremistas para compreendê-lo como tal (ECO, 2018, p. 43). Uma das características principais e suficiente para determinar a classificação de um regime como fascista é exatamente a negação do espírito crítico – esse que seria fundamental para a expressão da liberdade da imprensa – porque, para aqueles que estão no poder, a verdade já foi anunciada e só precisa ser imposta à população por meio de propaganda ideológica e de censura. A reflexão é negada, a capacidade simbólica achatada, o pensamento deve ser homogeneizado e qualquer expressão negativa com relação àqueles que estão no poder precisa ser rapidamente tirada de circulação ou desacreditada e desacreditada (ECO, 2018). Atualmente, isso ocorre, principalmente, no compartilhamento de *fake news*. Para que o fascismo continue imperando é necessário que não haja reflexão, as ações e comportamentos da massa devem ser automatizadas, impensadas e irrefletidas. A divulgação constante de notícias falsas e imagens manipuladas com o intuito de manter os indivíduos aprisionados em comportamentos unilaterais e extremados contribui para o rebaixamento cognitivo e aumento do comportamento massificado da população (CONTRERA; TORRES; BALESTRINI JUNIOR, 2021).

Faz parte também desse processo a transformação das imagens daqueles considerados como inimigos em objetos depositários de ódio, frustrações e infortúnios. Isso é feito de maneira reducionista, muitas vezes sendo utilizadas máximas maniqueístas que tem por trás uma sim-

plificação irrefletida do fenômeno que não permite nenhum tipo de relativização. A maneira de pensar torna-se: ou você está a favor ou está contra e isso é tomado da maneira mais subjetiva possível. É considerada uma afronta pessoal colocar-se de maneira crítica aos acontecimentos. A repetição incessante de conteúdos confusos e manipulados faz parte dessa estratégia:

Os poucos slogans, propostas ou palavras são repetidos à exaustão, ainda que seu significado nem sempre seja bem definido. Um pequeno conjunto de ideias, sintetizadas nesses materiais, é incessantemente repetido, de maneira a ser conhecido e memorizado. Para facilitar essa assimilação, a propaganda autoritária deixa de lado qualquer sutileza ou nuance: o mundo é representado a partir de estereótipos, que são usados para classificar rapidamente pessoas e situações (MARTINO; MARQUES, 2021, p. 138).

Todo esse jogo de projeções está pautado no potencial simbólico que as imagens técnicas estereotipadas carregam (DUVOISIN; MARTINS, 2019); não importa a verdade ou o real, importa somente a fantasia que pode ser projetada naquilo que está sendo divulgado e utilizado de maneira ideológica para manter a população sob controle da ordem estabelecida por aqueles que estavam no poder. A identificação do estado psicológico latente do indivíduo com o conteúdo publicado garante, obviamente de maneira falsa, que aquilo que está aparecendo no universo do simulacro mediático é a verdade absoluta (CONTRERA, 2004). Esse jogo paranoico de projeções que retroalimenta a diminuição da capacidade simbólica do indivíduo o transforma em elemento da massa (CONTRERA; BALESTRINI JUNIOR; DE OLIVEIRA SANTOS NICOLSI, 2022; HILLMAN, 2016), ao mesmo tempo que garante uma intensidade emocional que pauta toda sua resposta, no mesmo momento em que suas capacidades reflexivas e críticas são rebaixadas.

Podemos perceber então que as questões relacionadas à adesão de parte da população – seja ela pequena ou grande – ao comportamento fascista precisa necessariamente passar por uma leitura e compreensão do funcionamento da psique individual e de sua relação com o contágio psíquico das massas (CONTRERA; TORRES, 2017). A massa é constituída de indivíduos que tiveram sua capacidade reflexiva rebaixada, mas que encontram naquilo que está sendo expresso reverberação de conteúdos sombrios que fazem parte de suas próprias psiques. Por isso, Umberto Eco afirma:

Contudo, embora os regimes políticos possam ser derrubados, e as ideologias, criticadas e destituídas de sua legitimidade, por trás de um regime e de sua ideologia há sempre um modo de pensar e de sentir, uma série de hábitos culturais, uma nebulosa de instintos obscuros e de pulsões insondáveis (ECO, 2018, p. 23).

Da mesma maneira que podemos falar da veiculação de propagandas e compartilhamento de conteúdos que podem atuar fazendo a manutenção do racismo cultural que se manifesta das mais variadas maneiras (DALL'AGNOL; OLIVEIRA, 2012) - do machismo e da objetificação e sexualização da mulher (CHAVES, 2015), do preconceito e da estereotipia de pessoas gordas (DE SOUSA ARRUDA; MIKLOS, 2020), para citarmos apenas alguns poucos exemplos – fica evidente que estamos lidando com o que podemos chamar de fascismo estrutural. Arriscamos dizer que todas as outras expressões preconceituosas citadas – e talvez muitas outras que aqui não estão – possam ser enquadradas dentro dessa categoria maior, sendo elas mesmas maneiras do ur-fascismo se manifestar.

Sob as diversas manifestações do fascismo contemporâneo o traço comum que podemos observar é um pensamento excludente, que busca pseudoideais de superioridade, e que está sempre à procura de um “outro” sobre o qual projetar as próprias sombras. Essa dinâmica da projeção já foi claramente apontada por René Girard (2020) ao falar sobre o processo da escolha do bode expiatório, a busca da catarse promovida pela imolação da vítima e o interminável ciclo de vingança que essas projeções acarretam.

Conclusão

Vivemos um momento histórico caracterizado pelo império das imagens técnicas e do acesso massivo à informação, seja ela verdadeira e coerente ou falsa e manipulada. Por meio de um uso político comprometido pela corrupção anímica, indivíduos e grupos com tendências totalitárias utilizam das mídias digitais para manipular e interferir na opinião pública e no comportamento dos indivíduos. Vivemos assim num estado em que a democracia e a liberdade se encontram ameaçadas, embora as mesmas pessoas que defendem valores fascistas se esforcem para passar a ideia de que esse problema não existe. O autoritarismo ganha uma nova forma, velada, disfarçada, pelo qual a censura pode ser direta algumas vezes, mas que em sua maioria ocorre quando a experiência diária das pessoas é invadida por propaganda difamatória, *fake news* e imagens manipuladas que pregam o descrédito e o ódio à alteridade, à imprensa responsável e ao espírito crítico; esse mecanismo pode ser descrito da seguinte maneira:

Mas não é apenas em regimes autoritários que o Estado atua diretamente no mundo virtual. Em governos democráticos, como o do Brasil, há grupos políticos que também tentam fazer seu próprio caminho dentro das redes sociais digitais, seja financiando influenciadores, seja construindo plataformas de grande inserção social, cuja narrativa atende ao desejo ideológico do grupo. Sendo assim, da mesma forma que as mídias digitais servem para trazer mais conhecimento e velocidade de comunicação às pessoas, elas também são utilizadas para a desinformação e manipulação ideológica (JARDELINO; CAVALCANTI; TONIOLO, 2020, p. 2).

Esse movimento é autorregulador e se retroalimenta; o indivíduo, aprisionado algorítmicamente a conteúdos exclusivos que não permitem o contato com a diversidade de informação, tem sua capacidade reflexiva afetada, ficando à mercê daquilo que é divulgado somente por aqueles que ele mesmo apoia, os quais, por sua vez, validam a projeção de seus valores fascistas. Esse processo, que tem sido denominado de formação das bolhas de opinião, foi facilitado pelo fenômeno da explosão da informação que podemos situar, sobretudo, no Brasil, a partir da década de 1990, com a popularização dos computadores pessoais, e que se intensificou com a chegada dos smartphones e da portabilidade. A saturação da informação se fez acompanhar das práticas difamatórias, transformando-se em um mecanismo eficaz de censura porque disfarça de democracia e liberdade o totalitarismo e o aprisionamento das bolhas (CONTRERA, 2002; MORIN, 2002). Ficamos com a inquietação de que é necessário, a partir desses fatos, criar estratégias e repensar radicalmente o que estamos promovendo por meio das políticas e práticas sociais de informação que salvaguardem a possibilidade do desenvolvimento das

capacidades reflexiva e crítica para que capítulos horrendos da história não se repitam e para que o rebaixamento cognitivo que tem sido implantado não nos transforme a todos numa legião de idiotas, ou em profetas do totalitarismo.

THE DESTRUCTION OF THE CRITICAL SPIRIT: A CONTEMPORARY EXPRESSION OF THE UR-FASCISM

ABSTRACT

The article proposes a reflection on the relationship between contemporary information practices, cognitive relegation and ur-fascism, or eternal fascism. This being a potentiality that inhabits the human psyche and can burst into consciousness at certain times, depending on whether the circumstances are conducive or not for such an event. We start from a reflection carried out from data obtained through the Google Trends tool that help to understand the behavior of interest and search of the population for the term "fascism" between the years 2010 and the present date. The results obtained indicate a direct relationship between the interest in the subject and the image of the current president Jair Bolsonaro. Its misogynistic, racist, xenophobic, ultranationalist manifestations, among others, corroborate this fact. From these data, we seek to deepen the discussion about the destruction of the critical spirit through practices of censorship and ideological propaganda common to totalitarian regimes. For the discussion we brought authors from Media Theory, Sociology and Deep Psychology. In conclusion, we can say that the dissemination of manipulated and false news, as well as the discrediting of the press by the current government with the clear objective of establishing a hegemonic system of thought, are behaviors that bring the president and his supporters closer to fascist values.

Keywords: Fascism. Propaganda. Image. Censorship.

Referências

- BAITELLO JR, N. **A era da iconofagia:** reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. Paulus, 2014.
- BAITELLO JR, N. **Existências Penduradas:** Selfies, Retratos e Outros Penduricalhos. São Paulo: Unisinos, 2019.
- CAPELATO, M. H. **Propaganda política e controle dos meios de comunicação.** Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 167-178, 1999.
- CHAVES, F. N. **A mídia, a naturalização do machismo e a necessidade da educação em direitos humanos para comunicadores.** Trabalho apresentado no DT, 2015.
- CONTRERA, M. S. **Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia.** Annablume, 2002
- CONTRERA, M. S. Jornalismo e mídia: o fim do real e a consagração do universo midiático. **Jornalismo e realidade: a crise de representação do real e a construção simbólica da realidade.** São Paulo: Editora Mackenzie, p. 15-41, 2004.
- CONTRERA, M. S. **Mediosfera.** São Paulo: Annablume, 2010.
- CONTRERA, M. S. A imagem simbólica na contemporaneidade. **Intexto**, n. 34, p. 456-466, 2015.
- CONTRERA, M. S. Impactos persistentes da cultura de massas na comunicação: a crise da empatia e o rebaixamento cognitivo. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, 44, p. 35-49, 2021.
- CONTRERA, M.; TORRES, L. Imaginário e contágio psíquico. **Intexto**, n. 40, p. 11-22, 2017.

- CONTRERA, M.; TORRES, L. Algoritmos, viralização e contágio psíquico: o agravamento da industrialização do espírito. **Texto Digital**, 16, n. 2, p. 93-112, 2020.
- CONTRERA, M. S.; TORRES, L. S. Reverberações simbólicas no Google Trends: uma análise do imaginário na internet. **Intexto**, n. 52, p. 98924, 2021.
- CONTRERA, M. S.; TORRES, L. D. S.; BALESTRINI JUNIOR, J. L. Fake News e a irrupção do Imaginário. **ANAIS DO 30º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2021.
- CONTRERA, M. S.; BALESTRINI JUNIOR, J. L.; DE OLIVEIRA SANTOS NICOLOSI, R. H. Imersão digital e o desaparecer de si: entregar-se às águas do rio Lete. **Esferas**, 1, n. 24, p. 100-122, 08/16 2022.
- DALL'AGNOL, R. P.; OLIVEIRA, I. D. M. **Racismo na propaganda**. Ideias e Inovação - Lato Sensu, 1, n. 1, p. 91-101, 10/03 2012.
- DE SOUSA ARRUDA, A.; MIKLOS, J. **O peso e a mídia: estereótipos da gordofobia**. LÍBERO, n. 46, p. 111-126, 2020.
- DUVOISIN, A. A.; MARTINS, A. T. Acerca do valor simbólico das imagens técnicas. Comunicação e imaginário no Brasil: contribuições do grupo Imaginalis (2008–2019). Porto Alegre: **Imaginalis**, 2019. 295 p. P. 115-135, 2019.
- ECO, U. **O fascismo eterno**. Editora Record, 2018.
- GIRARD, R. **O bode expiatório**. Leya, 2020.
- GREGOR, A. J. **Marxismo, Fascismo e Totalitarismo**. Campinas: Vide Editorial, 2021.
- HERRENDOERFER, C.; FEST, J. **Hitler, uma carreira**. Alemanha: Netflix 1977.
- HILLMAN, J. **Paranoia**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- JARDELINO, F.; CAVALCANTI, D. B.; TONIOLO, B. P. **A proliferação das fake news nas eleições brasileiras de 2018**. Comunicação Pública, 15, n. 28, 2020.
- JUNG, C. G. **Aspectos do drama contemporâneo**. Vol. X/2: Petrópolis, Vozes 1988.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Vol. 9/1. Editora Vozes Limitada, 2018.
- MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. **A personalidade autoritária e a teoria da propaganda fascista nas reflexões de Theodor Adorno**: uma leitura aproximativa. Novos Olhares, 10, n. 2, p. 127-141, 2021.
- MELO, D. **Bolsonaro, fascismo e neofascismo**. Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo, 2019.
- MORIN, E. **Para sair do século XX**. Nova Fronteira, 2002.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**: o espírito do tempo II–necrose; tradução Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- PEREIRA, W. P. **Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo**. História: Questões & Debates, 38, n. 1, 2003.
- REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS. **RSF**. Disponível em <<https://rsf.org/pt-br/ranking>>. Acesso em 16 de set. 2022.
- ROITBERG, G. P.; BERGO, M.; DE SOUZA, E. G.; GOMES, L. R. Fascismo e antissemitismo à brasileira. **Devir Educação**, 5, n. 2, p. 126-147, 2021.
- SERVA, L. P. **Jornalismo e desinformação**. Editora Senac São Paulo, 2019.
- TEIXEIRA, V. D. C. M.; MEDEIROS, A. L. O caso Alvim-Goebbels: reflexões sobre liberdade de expressão e o papel social do jornalismo no combate a discursos de ódio. **Revista Mediação**, 22, n. 31, 2020.
- TORRES, Leonardo. **Contágio Psíquico: a loucura das massas e suas reverberações na mídia**. Eleva Cultural, 2021.

Submissão: 16/10/2022

Avaliação: 21/10/2022